



Continuar Portugal

Boletim Juvenil On-Line

Ano II – Nº 18 – 2015 MAIO

SALAZAR disse ...

«Para elevar, robustecer, engrandecer as nações é preciso alimentar na alma colectiva as grandes certezas e contrapor às tendências de dissolução propósitos fortes, nobres exemplos, costumes morigerados. É impossível nesta concepção da vida e da sociedade a indiferença pela formação mental e moral do escritor ou do artista e pelo carácter da sua obra; é impossível valer socialmente tanto o que edifica como o que destrói, o que educa como o que desmoraliza, os criadores de energias cívicas ou morais e os sonhadores nostálgicos do abatimento e da decadência.»

(Para Servir de Prefácio ao Volume Primeiro – Discursos - proferido em 17 de Fevereiro de 1935)

... /// ...

O MUNDO PORTUGUÊS

Livro de Leitura para o
Ensino Técnico Profissional

CONQUISTA DE CEUTA¹

Logo que a manhã começou a romper, principiaram a cortar a alvorada os silvos estridentes dos apitos. As guarnições, a postos, preparavam-se para o combate.

D. Henrique seria o primeiro a desembarcar; logo que o vissem em terra, acudissem a esse ponto. A manhã aclarara de todo já, o Sol despontava no horizonte. E João Fogaça, vedor do conde de Barcelos, não podendo conter-se, lançou-se com um punhado de homens num batel e vogou para a praia. Foi o primeiro a desembarcar, com grande raiva de D. Henrique, que logo se precipitou. As trombetas atroavam o ar, os gritos ensurdeciam, o desembarque era geral, a luta estava travada.

O combate foi um momento. Enovelaram-se na praia com a chusma dos mouros, que em vão pretendiam embargar-lhes o passo; e dessa primeira

(Continua¹ 1de3)

LEITURAS

Ensino Primário

A PAZ NAS NAÇÕES²

Surgem às vezes conflitos entre as nações e, quando não chegam a acordo, isto é, quando se não harmonizam na solução desses conflitos, recorrem à guerra.

A guerra! Eis um dos maiores flagelos que, em todos os tempos, têm afligido a humanidade. Por causa dela quantas desgraças ocorrem, algumas de todo irremediáveis!

Quantas pessoas ficam reduzidas à miséria por motivo de um conflito, para que não concorreram e do qual não tiveram, portanto, a menor culpa! Órfãos sem pai, mulheres sem esposo, pais sem filhos, mães velhinhas sem o seu único amparo que lá ficou morto na guerra, soldados mutilados que antes eram homens válidos e que tão úteis podiam ser no amanhã da terra, tornando-a fecunda — um grande cortejo enfim de misérias, de infortúnios, de desgraças!

(Continua² 1de2)

João Gomes – Lisboa

www.oliveirasalazar.org – info@oliveirasalazar.org – TM: 962296833

(Continuação¹ 2de3)

parte da acção apenas ficou a memória de um núbio ou sudanês agigantado, nu e negro como um corvo, cujo aspecto selvagem, beiços espessos, dentes caninos, olhos em sangue, assustavam os Portugueses. Combatia à pedrada, e Vasco Martins, de Albergaria, varou-o com a lança, depois de ele lhe ter feito ir pelos ares a viseira.

Mas, num ímpeto, os atacantes arrojaram-se contra a porta da Almina, entrando por ela, de roldão. Era o Infante D. Henrique e a sua gente. A este tempo desembarcavam D. Duarte e o Conde de Barcelos, D. Pedro e o Condestável, e o próprio rei que vinha coxeando. Ceuta podia dizer-se tomada: só o castelo resistia ainda, mas foi logo abandonado. Quando os vencedores lá entraram, acharam-no vazio.



Durante a refrega, enquanto D. Henrique e os seus andavam pelo interior da cidade, matando nos mouros, correu a voz, e vieram dizer ao pai que estava morto. O rei, impassível, voltou: «É a sorte comum dos guerreiros». E seguiu o seu caminho, sem mostrar alteração de gesto, nem a tristeza que instantaneamente lhe apertou o coração. Mas, quando se encontrou com o filho, vivo, apertou-o a si num ímpeto e, fazendo-o ajoelhar, logo ali o armou cavaleiro.

O saque da cidade foi estupendo. Ceuta precedeu Veneza, que precedeu Lisboa,

(Continua)

(Continuação² 2de2)

Horrível coisa a guerra! Mas, embora o seja, de modo algum devemos deixar de tomar parte nela em defesa da nossa querida Pátria, se isso for necessário.

Mas devemos de preferência empregar toda a nossa boa vontade em concorrer para a manutenção da paz, em evitar, por todos os meios legítimos, que seja declarada a guerra



Na verdade, a maneira mais eficaz de a evitar é fazer a propaganda constante da paz, visto que na guerra vence sempre o mais forte; mas nem sempre o que tem mais razão.

Depois da segunda Grande Guerra, que rebentou em Setembro de 1939, algumas nações criaram a ONU, isto é, *Organização das Nações Unidas*, a fim de mutuamente se auxiliarem na defesa da Paz, comprometendo-se sempre amigavelmente e de comum acordo a resolver todas as questões que entre si possam levantar-se. Esta organização, a que Portugal se associou com todo o entusiasmo, é consagrada à paz dos países que nela estão representados e merece o apoio de todas as almas bem formadas, de todos aqueles que, integrados num pensamento generoso de concórdia e de amor da humanidade, preferem aos horrores da guerra os benefícios incomparáveis da PAZ. ■

Ensino Primário Elementar IV Classe
Manuel Subtil, Cruz Filipe, Faria Artur e Gil Mendonça

(Continuação' 3de3)

no empório do comércio das Índias. As ruas pareciam uma feira.

A mourama fugira, chorando, sumindo-se na espessura dos arvoredos dos arrabaldes da sua cidade perdida. E durante essa noite, em volta de Ceuta, ouvia-se um coro de povo escondido, em ais e doridas perguntas pelas mães e pelos filhos. Dir-se-ia que as moitas dos jardins e o arvoredo das hortas falavam, que gemiam na tristeza da noite, e que eram lágrimas as folhas pendentes, balouçadas pelo vento mansamente. ■

J. P. OLIVEIRA MARTINS
Os Filhos de D. João I

----- /// -----

«ARMAS» DE PORTUGAL DE ALÉM-MAR

*Segundo um ordenamento heráldico
alusivo*

Os esmaltes do virol e dos paquifes são tirados do campo do escudo e da sua bordadura.

O «coronel» de ouro das cinco cruzes páteas aparentes significa o carácter apostólico da nossa missão no Mundo e representa o Padroado Português.

A esfera armilar contendo o globo terrestre, como timbre das armas, significa a vocação marinheira dos Portugueses e representa a navegação e o comércio marítimo aberto por nós em escala oceânica.

O mote *Spera in Deo et fac bonitatem* é o da «esfera armilar», divisa do Rei D. Manuel I, e representa um acto de Esperança e um voto de Caridade.

Os dois «tenentes» do escudo — um guerreiro africano e outro timorense representam o Portugal de Além-Mar dos territórios mais próximos e dos mais afastados.

(Continua)

SÍMBOLO DA PAZ



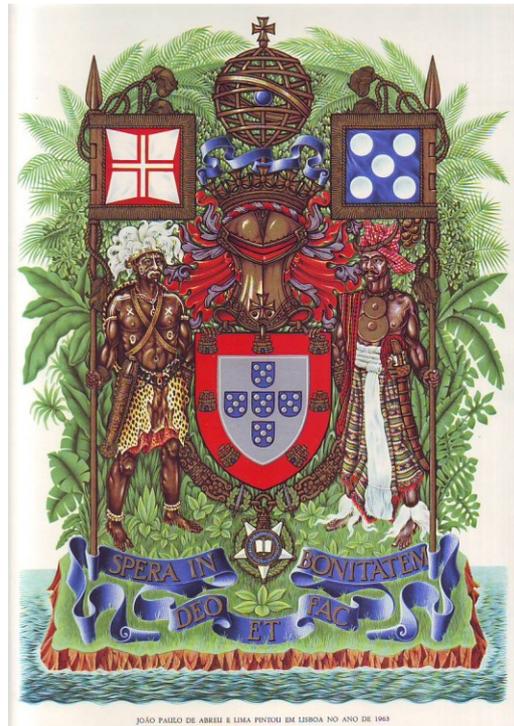
Ramo de Oliveira

----- /// -----

(Continuação)

A bandeira da Cruz de Cristo, arvorada na lança do guerreiro africano representa a Cruzada civilizadora dos Portugueses.

A bandeira azul da quina dos besantes, arvorada na lança do guerreiro timorense, representa Portugal navegador que chegou até à extremidade da Terra. ■



João Gomes – Lisboa

www.oliveirasalazar.org – info@oliveirasalazar.org – TM: 962296833